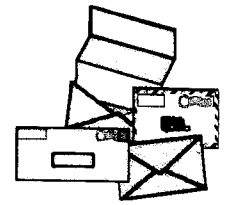


*“Das coisas
divinas a mais
divina é cooperar
com Deus para
salvar as almas”*

Esta frase de São Dionísio Areopagita era freqüentemente citada por Dom Bosco.

E como Ele a pôs em prática com sua vida de apostolado, na qual buscou levar seus jovens para Nossa Senhora!

Há cento e dez anos esse santo entregava sua alma a Deus.



“...Desejo que o Bom Deus continue abençoando e que a Virgem Maria cubra com seu manto sagrado este maravilhoso trabalho que é “O Desbravador” que neste mundo materialista é o desbravador da Palavra de Deus...”

PADRE VALDIR IRINEU BACKMANN
CAMPO MOURÃO – PR

“...Venho por meio desta agradecer-lhes por me enviarem o Desbravador. Amo todas as mensagens nele contida e muito bem escolhidas, desejando que V. Sa. e sua equipe continuem com este trabalho maravilhoso, com as maiores bênçãos do Altíssimo e Nossa Mãe Santíssima, muito agradecida! Deus os recompense.”

SOPHIA LUÍS
SÃO PAULO – SP

“Prezados irmãos e irmãs, que a Paz do Senhor e o Amor de Maria estejam com todos vocês do Grêmio Santa Maria, e familiares. Recentemente enviei ao Pe. Basílio, da cidade de Piracema – MG, um exemplar de “O Desbravador” que abordou o tema do aborto. Este por sua vez escreveu-me agradecendo, e retribuiu com material que aborda o mesmo tema. Estou juntando a esta o referido material, esperando que lhes seja útil... Peço suas orações... Fraternalmente,”

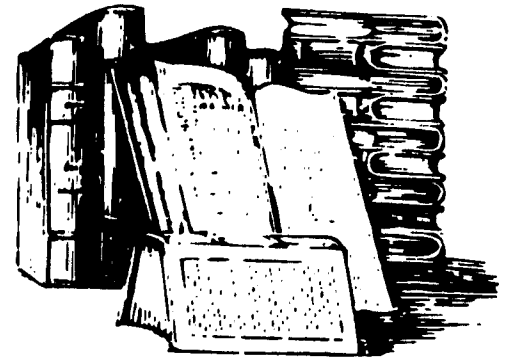
JOSÉ ANTONIO FONSECA
SÃO PAULO – SP

“...Gostaria de receber a revista “O Desbravador”. Cordialmente,”

ANA LÚCIA BOUDAKIAN SCHURIG VIEIRA
SÃO PAULO – SP

“Cumpre-me comunicar que depusitei na conta corrente a quantia de... , como pagamento de minha assinatura de sua apreciada quão útil revista católica, conforme comprovante anexo.”

JOSÉ IGNÁCIO SOARES
PELOTAS - RS



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO “SANTA MARIA”

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO “FRA ANGÉLICO”



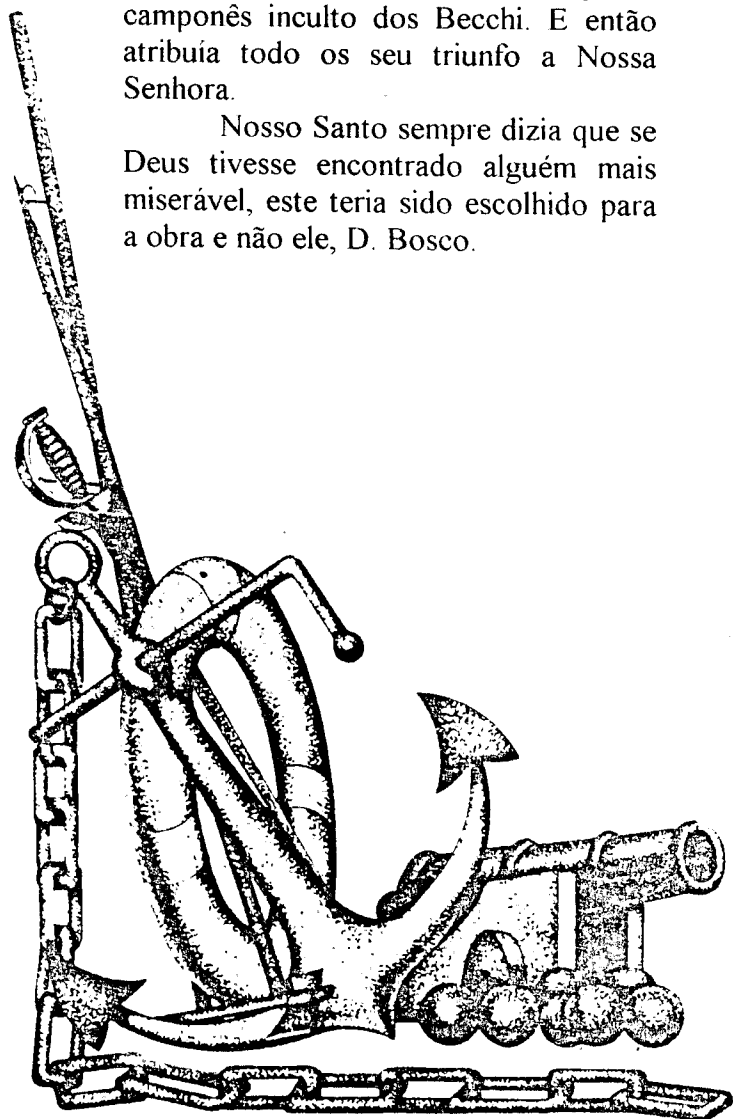
CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 6416
01064 - 970 SÃO PAULO SP

Editorial

Certa ocasião, São João Bosco perguntou a um jovem sobre o que ele mais apreciara em Turim. O jovem de pronto respondeu: Dom Bosco. O Santo não se abalou com o elogio e disse que isso se parecia a uma pessoa que conhecera e que ao visitar uma enorme exposição industrial havia dito que aquilo que mais tinha gostado era um salame. Assim era São João Bosco em sua humildade.

De outra feita, ao retornar de sua viagem triunfal a Paris, D. Bosco disse ao Padre Rua que aqueles que o haviam elogiado não sabiam quem era D. Bosco. Ele era - dizia - um pobre camponês inculto dos Becchi. E então atribuía todo o seu triunfo a Nossa Senhora.

Nosso Santo sempre dizia que se Deus tivesse encontrado alguém mais miserável, este teria sido escolhido para a obra e não ele, D. Bosco.



Estes fatos servem para mostrar a verdadeira grandeza de São João Bosco. Homem de ação, realizador incomparável, grande apóstolo dos tempos modernos, considerava-se instrumento pequeno nas mãos da Divina Providência.

E foi esse instrumento que Nossa Senhora guiou para promover o amparo à juventude abandonada, fundar congregações religiosas, dar milhares de padres à Santa Igreja, construir igrejas, e incrementar a devoção a Nossa Mãe Celestial com o título de Auxiliadora dos Cristãos.

Quando hoje vemos tantas mazelas, podemos exclamar: "Que falta faz D. Bosco"! Só para pegarmos um ponto, vemos que no problema atual do menor faz falta alguém como ele que tratando primeiramente de levar os jovens para o céu, resolvia e bem os seus problemas materiais.

Esperamos que esse número de nossa publicação, no ano dos 110 anos da morte de D. Bosco contribua para despertar o ânimo de salvar almas como o Santo o fazia.

Que Nossa Senhora Auxiliadora, que tanto o guiou em seus trabalhos, nos dê a graça de levar este animo à nossa vida prática. Para isso rezamos.

Mamãe Margarida

A mãe de Dom Bosco

Um dos biógrafos de São João Bosco disse que ele foi grande porque teve uma boa mãe.

Na verdade Mamãe Margarida - assim a chamavam os meninos do Oratório - foi a formadora não só da personalidade do Santo, como também foi quem formou o grande educador e apóstolo, que foi seu filho.

A frase que ela tanto repetia resume sua forma de educar: "Deus nos vê"! ou seja, ela educava, mostrando a presença de Deus. Ou seja, mais, ela já mostrava que a verdadeira educação só é possível se for embebida da Fé Católica, se tiver como meta levar os homens para Deus e tiver em mente a vida eterna.

Mamãe Margarida, a camponesa da roça, educava com maestria de maneira que os modernos pedagogos neo-pagãos não conseguem porque lhes falta o essencial, a Fé Católica.



Também a guerra ao pecado que D. Bosco tanto fazia foi dela que aprendeu.

Certa ocasião, ela levava seus filhos, arrumados, para a Igreja. No caminho viu um homem dizer coisas impróprias para um cristão. Imediatamente ela disse às crianças que amava imensamente a eles mas que preferia vê-los mortos naquela hora a um dia eles serem como aquele homem.

E, se assim falava, assim vivia. Uma sua vizinha levava uma vida irregular. Margarida foi aconselhá-la a deixar a companhia de certa pessoa. A mulher disse que não podia. Margarida respondeu que ela então agiria e com uma vara afastou a companhia daquela mulher.

Mães como Mamãe Margarida fazem falta no mundo de hoje. Rezemos para que tenhamos mães como ela e também rezemos para que a mãe de D. Bosco, cujo processo de beatificação foi recentemente introduzido, seja elevada aos altares.



Mamãe Margarida.

São João Bosco,

O Apóstolo de Nossa Senhora Auxiliadora



Era o entardecer do sábado, seis de dezembro de 1862. Os alunos do "Colégio do Oratório" de Turim, terminadas as orações da tarde, saíam correndo da capela e divertiam-se brincando no pátio. Atrás deles, caminhando mais devagar, conversavam D. Bosco e o jovem clérigo Paulo Albera, que no futuro seria seu segundo sucessor. E D. Bosco dizia:

- Nossa Igreja já é muito pequena. Vamos construir outra maior, mais bela, que seja magnífica!

E, mais tarde, aos rapazes que o rodeavam, ele repetia: - Estão vendo lá, aquele extremo do pátio? Ali construiremos uma Igreja magnífica à Mãe de Deus, e a chamaremos Igreja de Maria Auxiliadora!

O clérigo Albera olhou lentamente em torno, para as construções que D. Bosco, durante mais de quinze anos de sacrifícios, havia aos poucos conseguido levantar: um pequeno edifício para a habitação e o estudo dos meninos, uma minúscula igreja, quase uma capela... e só. Agora D. Bosco falava em construir uma "igreja maior, mais bela, magnífica", e apontava para um local que nem sequer lhes pertencia...sim... no futuro, talvez...

Mas D. Bosco não se referia a um futuro remoto, queria começar imediatamente. Quando lhe fizeram a objeção de que uma igreja daquele tamanho custaria muito dinheiro, respondeu:

- A Virgem é quem paga. Ela quer sua igreja, e é natural que pense em pagar as despesas. Nós só precisamos merecer. E mandou anunciar a obra, em uma distribuição em toda Itália, de uma circular pedindo donativos.

Muitos ao lerem a circular comentavam que D. Bosco estava louco (esse comentário foi freqüente durante toda a vida do santo). Um padre seu amigo lhe declarou: "No dia em que você levantar um templo assim, eu comerei um cachorro cru" (quando o padre perdeu a aposta, D. Bosco lhe perdoou o débito, mas o facilitou, encomendando numa confeitaria um cãozinho de açúcar).



PIO IX

Papa dos tempos de D. Bosco que tanto o ajudou

Em fevereiro de 1863, D. Bosco conseguiu comprar o terreno. Contratou, então, como empreiteiro um antigo aluno seu e mandou iniciar a terraplanagem. Seria preciso pagar mil libras a cada quinze dias e ele não possuía, em caixa, dinheiro algum. Foi então que Nossa Senhora começou a agir. No fim da primeira semana de obra, D. Bosco recebeu um chamado para que fosse confessar uma enferma em estado grave. Esta, ao recebê-lo, disse:

- D. Bosco, se eu sentisse algum alívio de minhas dores, daria um auxílio para a sua obra. E D. Bosco: "Faça uma novena a Nossa Senhora Auxiliadora".

Chega o sábado, dia do pagamento e, D. Bosco que ainda não tinha um níquel, vai visitar sua enferma e a encontra completamente curada. Agradecida, ela lhe entrega um pacote que continha exatamente as mil libras de que ele precisava.



SÃO JOSÉ CAFASSO

Terminada a terraplanagem, D. Bosco ordenou o início imediato da escavação dos alicerces. D. Sávio, o tesoureiro, exclamou:

- Mas não se trata de construir umá capelinha! E hoje de manhã não tivemos dinheiro para pagar os selos do correio!

Apesar das preocupações de D. Sávio, as escavações tiveram início e o dinheiro sempre aparecia no instante necessário, e na exata medida: nunca um centavo a menos, nunca um centavo a mais.

Como D. Bosco havia previsto, Nossa Senhora pagava as dívidas de sua igreja, mas exigia uma confiança completa. Prova, de que era Ela quem pagava, é que todos os donativos recebidos eram agradecimentos de alguma intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora: "Turim, Gênova, Bolonha, Nápoles, Florença, Roma. Havendo comprovado o favor da Mãe de todas as graças sob o título de Auxílio dos Cristãos.

De mais longe também chegavam donativos: Palermo, Viena, Paris, Londres, Berlim. Posso afirmar que cada pedra, cada ladrilho dessa construção recorda uma graça da Rainha dos Céus" (Rodolfo Fierro. "biografia y escritos de San Juan Bosco". Madrid. 1950. Pg.295).

Não vamos cansar o leitor com o relatório de dezenas de milagres. Contaremos apenas um, que está entre os mais conhecidos, e do qual existem todos os documentos possíveis para provar a autenticidade. A fonte é o mais autorizado biógrafo de São João Bosco, o Padre Lemoyne ("Vita del venerabile servo di Dio Giovanni Bosco", Turim, 1913, pgs.42 a 45).

Em 16 de Novembro de 1866 era necessário pagar aos empreiteiros quatro mil liras e, como sempre, não havia um tostão em caixa. Vários membros do Oratório saíram para buscar esmolas, mas, depois de muito andar, voltaram com apenas mil liras.

À uma da tarde saiu D. Bosco. Andava ao acaso, sem saber aonde ir, quando encontrou o criado de uma casa rica:

- O senhor não é D. Bosco?

- Para servi-lo.

- Graças a Deus que o encontro! Venha comigo. Meu patrão está muito doente, de cama há anos e quer vê-lo.

D. Bosco é levado a uma mansão, onde uma senhora o recebe chorando:

- Ah, D. Bosco se soubesse a quanto tempo o esperamos! Mandamos buscá-lo várias vezes e nunca o encontramos na cidade. Quereria que curasse meu marido com a benção de Nossa Senhora Auxiliadora. Eu teria dado um donativo à sua igreja... mas agora é tarde demais, pois ele está quase no fim. Anteontem os médicos declararam não haver mais cura...



- Entre os médicos estava também Nossa Senhora? - pergunta D. Bosco - porque se não estava, a consulta não valeu por falta do principal. De que doença se trata?

- A doença tomou várias formas e há alguns meses degenerou em hidropsia. Ele foi operado várias vezes mas está novamente inchado, num estado de dar piedade. E os médicos não ousam mais tocá-lo, porque afirmam que não suportará outra operação.

D. Bosco é levado ao quarto do enfermo e este lhe conta que está de cama há três anos, sofrendo horrivelmente para fazer qualquer movimento. Sorrindo, o santo lhe pergunta:





- Gostaria de dar um passeio?
- Pobre de mim! O único passeio que farei será carregado para o cemitério.
- Se quiser fará um passeio hoje com suas pernas e em sua carruagem.
- Se eu pudesse obter um pouco de alívio, faria de boa vontade um donativo para sua obra.
- Ora, isso seria realmente propício. Tenho absoluta necessidade de três mil libras.
- Bem, obtenha-me alívio e até o fim do ano lhe darei o que pede.
- Mas, eu preciso de dinheiro ainda esta tarde.
- Esta tarde?! E onde vou achar esse dinheiro? Não tenho tanto em casa e seria preciso ir ao banco...

- E por que o senhor não vai ao banco?
- Quem?
- O senhor!
- Eu? Sair? É impossível! O senhor está troçando!
- Impossível para nós, mas não para Deus Onipotente! Dê Glória a Maria Santíssima Auxiliadora, e vamos fazer a prova.
E D. Bosco mandou os presentes se ajoelharem e rezarem a Nosso Senhor Sacramentado e a Maria Auxiliadora. Em seguida deu ao enfermo a bênção e este, imediatamente, começou a soltar tanto líquido que a sua mulher gritava:
- Está morrendo!!!
E D. Bosco.

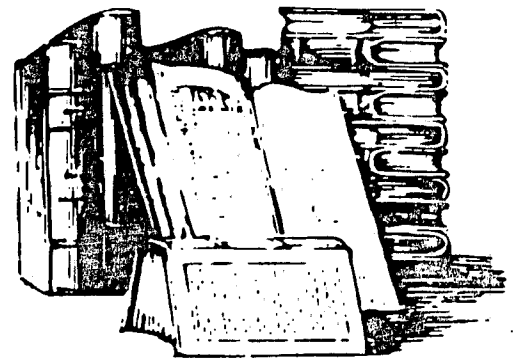
- Fique tranquila, que não está morrendo.

O corpo está voltando ao tamanho normal. E manda trazer as roupas do enfermo, há anos abandonadas.

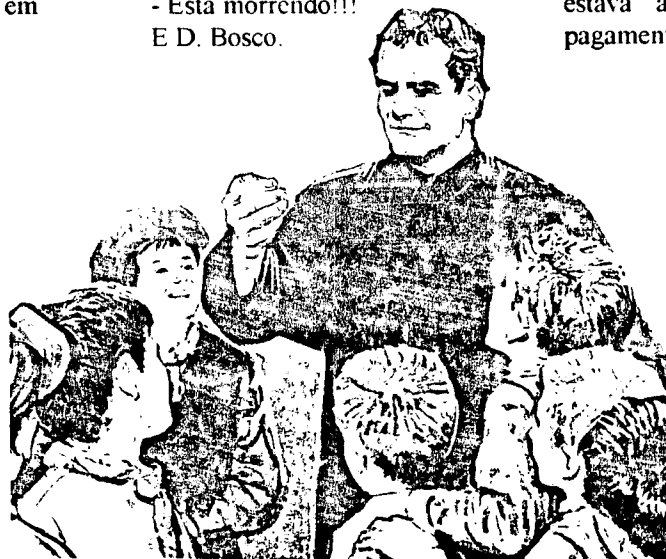
Nesse momento, chega um dos médicos que fica escandalizado ao ver tudo aquilo e insiste para que o paciente volte para a cama.

Mas ele não quer ouvir ninguém que não D. Bosco.

Sentindo-se curado, vestiu-se sem ajuda de ninguém, e passeou um pouco pelo quarto. Mandou atrelar sua carruagem, e enquanto esperava tomou uma copiosa refeição, coisa que há muito não podia fazer. Em seguida vai ao banco e retorna triunfante, entregando a D. Bosco as três mil libras, e dizendo: "estou completamente curado!".



D. Bosco o exortou a agradecer a Jesus Sacramentado a Nossa Senhora Auxiliadora. Em seguida voltou ao Oratório, onde o credor já estava à sua espera. Efetuou o pagamento, e as obras prosseguiram.



Quando a basílica foi concluída, os milagres continuaram em seu interior, principalmente quando das festas de Nossa Senhora Auxiliadora. Na última dessas festas que D. Bosco presenciou em vida (24 de maio de 1877), os prodígios chegaram ao apogeu. O padre Lemoynes, testemunha dos fatos, os descreve:



"(...) O entusiasmo estava no auge, porque se viam graças extraordinárias. Um juvenzinho que entrara no santuário de muletas, foi visto sair, desembaraçadamente, com as muletas na mão. Um paralisado (...) saiu completamente curado. Três senhoras trouxeram uma jovem enferma que mal se mantinha nas muletas, e, depois de longa espera, foram introduzidas na sala de D. Bosco. O secretário, quando a viu sair, ainda de muletas, lhe disse:

- Como? Que fé é essa? Você foi pedir a bênção de D. Bosco no próprio dia de N. Sra. Auxiliadora, e quer sair da mesma forma que entrou? Ande sem auxílio, que D. Bosco não dá sua bênção à toa!

A jovem ficou pasmada. Entregou as muletas à mãe e desceu à Igreja com dificuldade. Mas ao chegar lá, verificou que estava completamente curada. Deixou as muletas na sacristia e voltou contente para casa" (Lemoynes, Obra cit., pgs.606 e 607).

Talvez o leitor conheça alguém que, ao ouvir esses fatos, comente: "Eu não acredito!" A essa pessoa o leitor poderia então citar o comentário feito pelo "Figaro", grande jornal de Paris, em 18 de maio de 1883, depois da triunfal visita de D. Bosco àquela cidade:

"(...) São lendas, dirão os cétricos: "é uma mistificação". Mas há um fato claro, inegável, e é isto: a quarenta anos atrás um pobre padre, que não possuía sequer um teto, dizia a seus pequenos órfãos: "Cantem, meninos, cantem louvores ao Senhor. Neste lugar se levantará uma igreja, onde vocês continuarão a cantar". "Pobre louco!", diziam os "sábios"... Mas hoje, naquele mesmíssimo lugar surge a igreja, e em torno àquele Oratório surgem outros, não só na Itália, mas na Europa e no mundo... E isso não é lenda, mas um fato indiscutível". (Lemoynes, Obra citada, pgs.483 a 484).



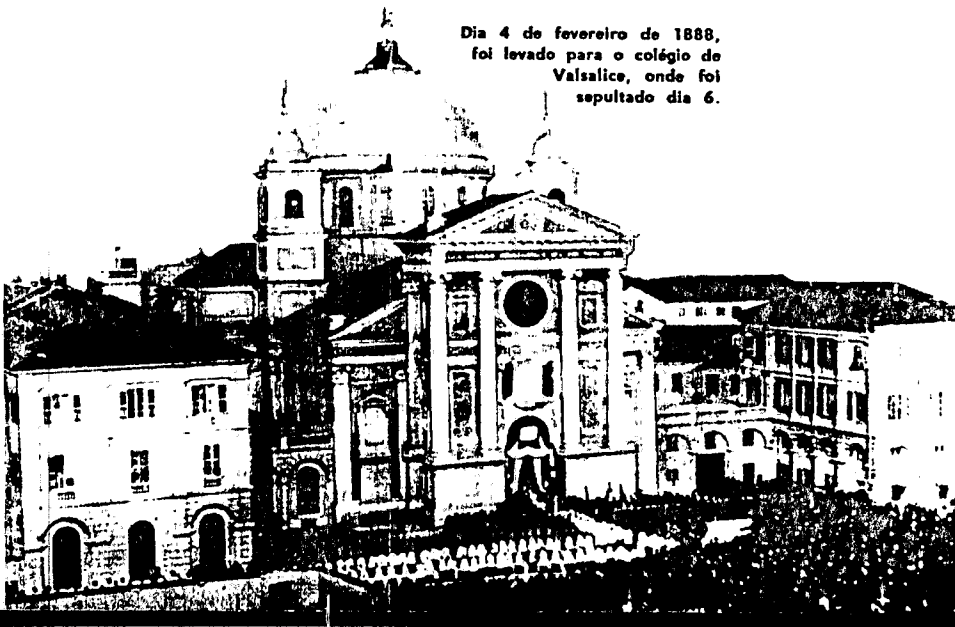
O corpo de Dom Bosco, revestido dos paramentos sacerdotais.

Isso comentava Le Figaro em 1883. E a magnífica basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, de Turim, ainda está lá, para quem quiser verificar.

Uma Ordem de coisas onde o milagre é corriqueiro, e onde o maravilhoso é habitual: Eis ao ambiente que rodeava São João Bosco, apóstolo de N. Sra. Auxiliadora. O que impressiona mais na leitura dos fatos de sua vida não é tanto o número dos prodígios operados pela Santíssima Virgem, mas a naturalidade com que São João Bosco os recebia.

Em 1864, D. Bosco é convidado a pregar o tríduo em louvor à Assunção de Nossa Senhora na aldeia de Montemagno, oitenta quilômetros a nordeste de Turim. No local não chovia a três meses, e os habitantes angustiados tinham pela perda das colheitas. D. Bosco, ciente da situação, da primeira vez que sobe ao púlpito, se dirige a eles nos seguintes termos:

Dia 4 de fevereiro de 1888, foi levado para o colégio de Valsalice, onde foi sepultado dia 6.



- Se vocês vierem à orações durante três dias, se reconciliarem com Deus por meio de uma boa confissão e se prepararem de modo que, no dia da festa, seja possível uma comunhão geral, eu vos prometo, em nome de Nossa Senhora, que uma chuva abundante virá refrescar vossos campos.

Como afirmaria mais tarde, D. Bosco não tivera a intenção de profetizar a chuva para dali a três dias, mas foi nesse sentido que a população da aldeia o entendeu: se todos se confessassem e comungassem, no dia da festa infalivelmente choveria.

Vendo que não era mais possível desfazer o engano, D. Bosco resolveu deixar as coisas nas mãos de Nossa Senhora e continuar a pregação.



São Francisco de Sales

Nas aldeias próximas a notícia da "profecia" foi comentada em tom de burla e debique. Na vizinha aldeia de Grana, programaram para o dia da festa um grande baile público ao ar livre, para comemorar o fracasso da previsão.



Em Montemagno, sob um sol inclemente, durante os três dias, a assiduidade aos sermões foi completa, e as confissões, contínuas.

Durante a missa, na manhã da Assunção, a comunhão foi tão numerosa como nunca se havia visto naquele lugar.

Mas o céu continuava sereno e azul. Na hora do almoço, as pessoas que acompanhavam D. Bosco à mesa mantinham um silêncio embaraçado, ouvindo ao longo o ruído das festividades na aldeia de Grana.

À tarde, quando os sinos chamavam os fiéis para o sermão final, o firmamento continuava límpido e o calor sufocante. Na sacristia da Igreja, D. Bosco era assediado por pessoas que o interrogavam: "E se a chuva não cai?" "É sinal que a não merecemos", respondia.

Terminam os cânticos, e D. Bosco sobe ao púlpito para o sermão.

No caminho, dirige-se a Nossa Senhora: "Minha Mãe, não é a minha honra que se encontra em perigo, mas é a Vossa. Que dirão os detratores de Vosso Nome ao verem desiludidos esses que hoje fizeram o melhor possível para Vos agradecer?"

Chega ao alto do púlpito e faz o sinal da cruz, com os olhares da multidão cravados nele.

A prédica tem início com uma Ave Maria, e enquanto a reza, alguns julgam notar que a luz do sol escureceu um pouco. Durante o exórdio ouve-se um prolongado trovão, um murmúrio de alegria percorre o interior da igreja. D. Bosco se recolhe um instante e uma chuva contínua e pesada começa a cair, lavando os vitrais.

O sermão se inicia e é um hino de louvor e gratidão a Nossa Senhora. Depois da benção o povo permaneceu muito tempo dentro da igreja porque a chuva, fortíssima, continuava a cair.



Talvez algum leitor mais cético esteja disfarçando um sorriso de incredulidade. "Ora", pensará ele. "isso nada mais é que uma coincidência. Aliás, essas chuvas de verão são mesmo assim repentinas. A ciência da meteorologia explica isso perfeitamente".

Mas o caso não termina aqui. Na aldeia de Grana, o baile foi interrompido por uma chuva de granizo, que destruiu todas as colheitas. Verificou-se depois que o granizo caíra unicamente dentro dos limites daquele município. E isso a "Ciência da Meteorologia" não explica.

Falávamos de confiança em Nossa Senhora, e da naturalidade em pedir e aceitar a sua intercessão.

Em 1885, o diretor de um colégio fundado por São João Bosco, em Paris, se viu repentinamente em dificuldades financeiras, porque as esmolas de que o colégio necessitava para sustentar os alunos haviam minguado, estando quase a cessar.

Preocupado, o diretor escreve a D. Bosco, descrevendo a situação.

Resposta do Santo: "obtenha milagres, que os meios não faltarão".

O diretor reuniu os alunos e ordenou-lhes que rezassem pela cura milagrosa do filho de um benfeitor que havia sido gravemente ferido e estava às portas da morte. Os alunos rezaram e a pessoa se curou de maneira prodigiosa.

A notícia se espalhou pela cidade e as esmolas tornaram a voltar.



Nossa Senhora Auxiliadora
rogai por nós

Familiaridade, dizíamos...

Em janeiro de 1880, D. Bosco vai a Marselha pedir ajuda para uma série de obras de caridade que havia iniciado.

Mas os jornais misteriosamente se calaram a seu respeito, e depois de alguns dias nada se havia conseguido.

Então trazem a ele, em cadeira de rodas, um pobre menino paralítico. O santo lhe dá a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora, lhe ordena que ande e o menino se põe a andar.



Depois disso, em pouquíssimo tempo, toda a cidade o conhecia, procurava e ajudava. Outros seguiram e a viagem a Marselha foi um sucesso estrondoso. A uma das testemunhas desse primeiro milagre, D. Bosco depois comentou: "Quando vi o menino naquele estado compreendi que nada poderia fazer. Então, disse a Nossa Senhora: "Vamos começar?. E a Madonna começou".

No biênio 1884-85, uma epidemia de cólera se propagou pelo sul da Europa atingindo principalmente a Itália, França e Espanha. Oitenta por cento das pessoas contagiadas morriam, às vezes algumas horas apenas depois do contágio.

Quando se soube do início da epidemia, D. Bosco iniciou contra ela, numa circular divulgada por toda Europa, um "preservativo infalível". Tal preservativo constava de três pontos:

"1º Frequentar a Sagrada Comunhão com as devidas disposições."

"2º Repetir frequentemente a jaculatória: Maria, Auxiliadora dos cristãos, rogai por nós."

"3º Levar ao pescoço a medalha benta de Nossa Senhora Auxiliadora e concorrer a qualquer obra de caridade ou de religião em honra Dela."

"Com esse antidoto, dizia ele, vá trabalhar até mesmo num leprosário que nada lhe sucederá".

Foram distribuídas centenas de milhares de medalhas.

Nenhum daqueles que seguiram os conselhos de D. Bosco foi atingido pela cólera.

Em Marselha, os alunos do colégio salesiano, confiantes na proteção de Nossa Senhora, permaneceram tranquilos e incólumes em meio a cidade devastada pela epidemia.

Em Barcelona, algumas senhoras cheias de fé, tiveram a idéia de espalhar as medalhas de Nossa Senhora Auxiliadora junto aos limites do bairro de Sarriá, onde moravam.

A fé em N. Sra. Auxiliadora foi recompensada: aquele foi o único bairro que a cólera respeitou.



SAO TIAGO LICOPS

São Tiago Licops, monge Norbertino, nascido em Audenarde na Bélgica em 1538, se consagra a Deus desde a sua mais tenra idade, na abadia Norbertina de Middelbourg, na Holanda.

“O irmãozinho Tiago” é o ídolo do mosteiro, “filho mimoso” de Nosso Senhor, Middelbourg é para ele um recanto do paraíso.



Entretanto rebenta a perseguição. No dia 22 de agosto de 1566 os Iconoclastas^[RR4S1] irrompem na abadia de Middelbourg, penetram na Igreja abacial e a entregam à rapina.

Tiago fica horrorizado. As ameaças o espantam. Ele se capitula perante o inimigo. Renega sua Ordem e seu Deus. Tiago é apóstata e, logo afoitando-se ao crime, consuma o seu delito tornando-se calvinista militante.

Mas o Coração misericordioso de Jesus velava sobre o monge rebelde!

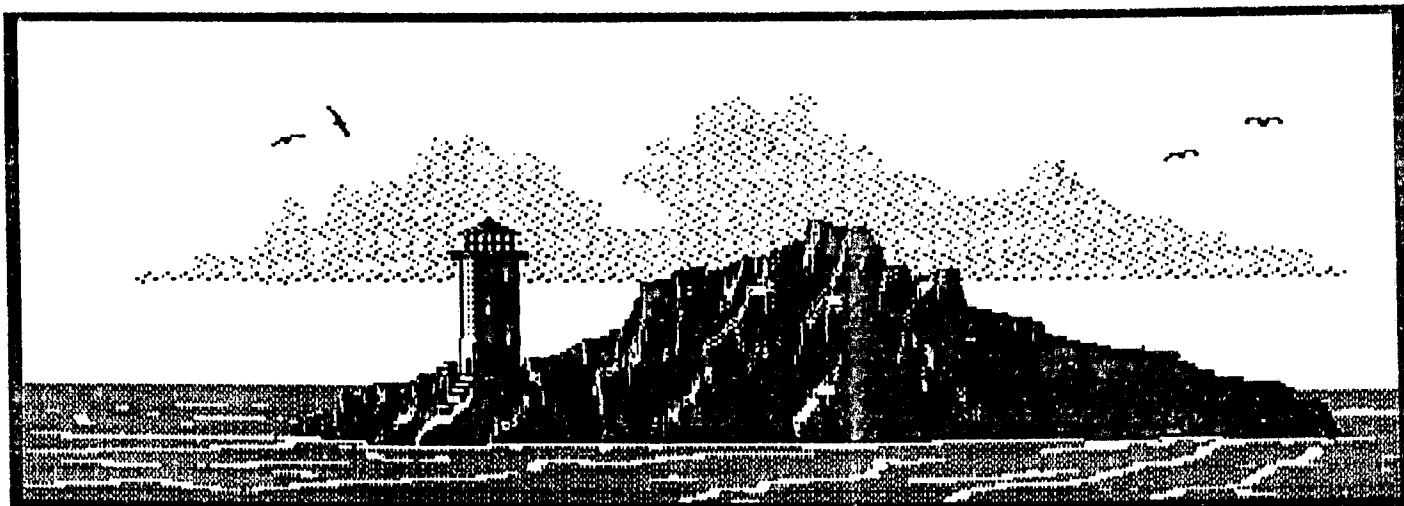


Passam alguns meses... Os remorsos apertam dolorosamente o coração de Tiago. Sente-se infeliz além de toda expressão. Ele pensa no tempo de outrora, em que, à sombra do santuário passava dias tão felizes!... “Levantar-me-ei e irei a meu Pai!”

- Então, resolutamente, mas humildemente, vai bater à porta da antiga e sempre tão querida morada. O pródigo aí recebe o acolhimento mais afetoso e há grande festa no céu para celebrar sua volta...

Enviado a Marienwaard pelos seus superiores, faz aí uma austera penitência durante cinco anos. Entretanto, a hora de novos combates ia soar!

Já o furor dos malvados se tinha abatido sobre muitos padres e religiosos. Gorcum seria o lugar do suplício deles. Tiago, o apóstata teria desta vez a honra de conquistar a palma do martírio?



Tiago é aprisionado, e, com um de seus confrades - Santo Adriano - vai alcançar a falange dos confessores da fé.

Esta nova captura é importante. Sabe-se quem ele é. Os miseráveis se lembram de sua apostasia de 22 de agosto de 1566. "O monge de hoje, pensam eles, não vale mais do que o traidor de ontem". Eles o saberão seduzir. As ameaças e se for preciso, as torturas, vencerão sua "obstinação".

Cálculos humanos tudo isto. Os miseráveis tinham feito seus cálculos sem contar com a graça de Deus e sua misericórdia inesgotável.



No dia 9 de julho de 1572, Gorcum ia beber o sangue dos mártires.

Entretanto nesta granja úmida que se tornou subitamente trágica e gloriosa, dependurados à abóbada, eu não conto senão dezenove corpos, em lugar de vinte e três, muitos dos quais se debatem nos horrores da agonia, enquanto acima de suas cabeças, já aureoladas da glória do triunfo, os anjos seguram as coroas dos mártires...

Ai! é porque quatro dos confessores apostataram! Entre estes últimos um noviço franciscano, 18 anos, cai com estrondo. Entretanto, pouco depois, vencido também pela graça, faz penitência, volta à Ordem e morre como religioso fervoroso.



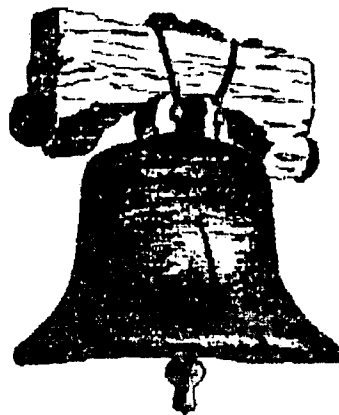
Tiago viu o triunfo de seus irmãos e a queda dos outros. Ele tem pressa de lavar a injúria que estes últimos fizeram a Deus.

Os Calvinistas tinham até o fim acariciado a esperança de fazer de Tiago um apóstata a mais. Inúteis esforços. Desta vez Tiago terá a honra de colher a palma do martírio!

Mas falta o lugar! Os mártires semelhantes a cachos abundantes de uvas maduras, se apertam na estreita abóbada da granja escura.

"Não seja esta a dúvida. Me é necessário um lugar para mim! Então a corda desliza no pescoço do confessor, um dos algozes o levanta ao ponto mais elevado da escada, por onde logo os mártires subiam ao céu.

Uma ordem e o corpo do confessor levanta-se no espaço enquanto sua alma lança-se aos braços de Deus!...



Assim então, como São Pedro, conquistado pelo amor misericordioso de seu Divino Mestre, Tiago torna-se mártir depois de ter sido renegado! Sobe ao céu pelo caminho mais reto e vai perder-se nos inefáveis abraços d'Aquele, do qual, ainda ontem, tão insultuosamente, pisava aos pés o sangue divino.

E no dia seguinte à sua gloriosa morte, a Igreja orna a sua frente com a auréola dos Bem-Aventurados! Os mártires de Gorcum foram canonizados por Pio IX no dia 29 de Junho de 1867.

O Velho Soldado Do Yser



Em uma grande clínica de província, abril de 1935.

Trazem um doente, antigo soldado da 1ª grande guerra. A doença é grave. Sofre de uma apendicite perfurada.

Os doutores confessam-se impotentes para salvar o doente que, acrescentam eles, não passará deste dia.

“Então diz o Capelão, apressemo-nos ao menos em salvar tudo que ainda se pode salvar!”

Entretanto, a alma está em piores condições que o corpo!



Mas contrariamente à ciência humana, o Poder de Deus, assim a sua Misericórdia, é sem limites.

Este homem que vai morrer passou toda a sua vida - tem 52 anos - à margem do Evangelho.

Sem dúvida, ele acredita no verdadeiro Deus e nos ensinamentos da verdadeira Religião, mas ele os ignorou completamente.

Por felicidade foi batizado e foi educado cristãmente; mas nunca comungou! E, quanto ao seu casamento, não quis as bênçãos de Deus nem da Igreja.

E este homem vai morrer!..

Neste momento trágico, a Irmã superiora da clínica aproxima-se do moribundo e lhe fala com bondade da Vida, da Vida interminável que vem depois da morte...

O antigo soldado ouve com respeito as palavras da religiosa. Parece sair de um sonho. De repente se põe em frente das inevitáveis realidades que o esperam. Toma a sério a exortação que acaba de lhe fazer a boa enfermeira.

“Minha irmã, sim, eu quero sinceramente me por em regra com Deus e com minha consciência. Mas eu quereria, para esta grande operação, o concurso de meu velho amigo de guerra: o Pe. X que viveu comigo, durante quatro anos, a vida penosa das trincheiras do Yser!”

Bem satisfeita do sucesso de seu apostolado, a amável Superiora responde logo:

“Vou telefonar ao convento do cais Mativa e dentro de uma hora estareis satisfeito!”

Ai! O Pe. X está ausente. Partiu para a casa de Bruxelas!

“E vós não tendes senão uma probabilidade sobre cem de aí o encontrardes, acrescentam!”

O tempo de pedir a ligação interurbana e eis a boa religiosa em comunicação com o Prior do convento de Bruxelas.

Por um acaso inteiramente providencial e inesperado, o Pe. X passava neste momento no grande corredor do mosteiro.

Ei-lo ao aparelho respondendo à sua interlocutora: “Dentro de duas horas estarei ao pé de meu velho camarada”.

Com esta notícia, que alegria do moribundo! Ele chora! Recolhe-se. Quer fazer bem as coisas. Por esta vez, a última, ele não enfrentará a morte senão em boas e devidas condições.



... São três horas depois do meio-dia. Um taxi para diante do portão de entrada da clínica. O portão se abre. Um sacerdote vestido de branco desce do carro. É ele! É o Pe. X que correu a toda pressa de Bruxelas para trazer socorro a seu velho amigo das trincheiras, assim como o fazia lá na frente do Yser.

Os dois amigos atiram-se aos braços um do outro. É uma cena tocante para fazer chorar.

Então o velho soldado diz ao Padre:

“Ouve-me, então meu velho amigo, meu querido camarada, testemunha de meu procedimento na frente das batalhas. E vós, Senhor Capelão, e vós, minha Irmã Superiora e tu minha mulher, ouvi a resposta de meu velho amigo.



- Dizei-me então, Padre, tu que me viste na ação por tanto tempo, tenho eu, alguma vez, temido diante do inimigo? Tenho eu tropeçado diante dos alemães?

- Não, nunca; tu foste um bravo, corajoso e audaz entre todos!

- Pois bem, vês tu, agora eu tenho medo!

- Mas medo de quem, de que coisa?

- Medo da morte!

- Será possível? Mas, num minuto, quando tu estiveres em condições de receber sua visita, teu medo terá desaparecido, eu to asseguro.

- É verdade, respondeu o velho soldado, é por isso que eu tenho medo. É porque minha consciência não está em regra. Mas tu vais me confessar e quando Deus me tiver perdoado, eu bem sinto que serei mais forte”.

Então, nesse humilde quarto de doente, passou-se alguma coisa nunca ouvida.

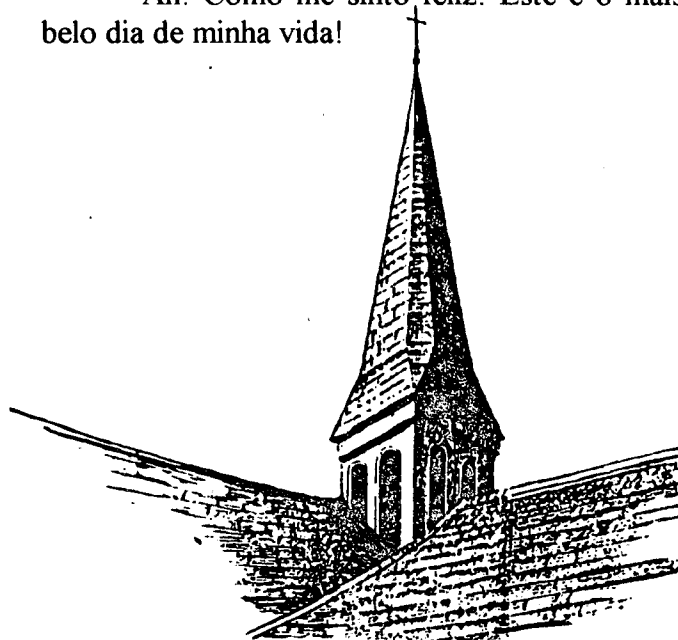
Foi aí que se produziu, de repente, uma tão grande maravilha de graça que para a glória do Deus da misericórdia, merece passar à posteridade!

Ora, como o Capelão e os outros visitantes davam sinal que queriam se retirar, o moribundo interveio com autoridade:

“Não ficai, Senhor Capelão, ficai minha Irmã e tu também minha mulher, fica aqui. Porque é diante de vós todos que eu quero me confessar! Eu ofendi a Deus publicamente e eu me confessarei lealmente e sem reticência diante de todos!”

E quando, com a absolvição do Sacerdote, o perdão divino desceu sobre sua alma, o velho soldado exclamou todo fora de si, enquanto o homem de Deus o envolvia num aperto paterno e afetuosos:

- Ah! Como me sinto feliz! Este é o mais belo dia de minha vida!



Então ele ordenou que trouxessem ao pé dele seus dois filhos:

“Meus filhos, lhes disse, com voz soluçante, eu quero que vós sejais, vós também as testemunhas dos últimos momentos de vosso pai. Tenho ofendido a Deus, mas acabo de me reconciliar com Ele porque eu quero morrer cristãmente. E, ficai-o sabendo, meus filhos, agora em paz com Deus, eu morro de boa vontade!”

Alguns instantes depois desta cena grandiosa e profundamente comovedora, a benção nupcial desceu também, sobre os dois cônjuges, benção que foi como a coroação para a sua felicidade, felicidade que ambos proclamavam como sendo inexprimível!

Então, dirigindo-se a todos, com ar alegre e uma doce serenidade que era mais do céu que da terra, o velho soldado disse aos presentes:

“Não choreis, mas antes regozijai-vos comigo pois vo-lo repito: este é o dia mais belo de minha vida!

É por isso que eu quero, como sinal de alegria, que se beba agora uma taça de champanha!”

E foi executada a última vontade deste estranho moribundo, que com um pé no céu, antes de lá por outro, queria que o mundo soubesse da boca dele, que a verdadeira felicidade não reside senão em Deus só!



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja. “O Desbravador” deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRABESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Numa Aldeia Medieval

Numa aldeia da Itália Medieval, viviam dois amigos: Mário e Giovanni. Eram inseparáveis. Mário era calado e de inteligência mediana e Giovanni era vivaz e de inteligência privilegiada.

Estudavam na escola paroquial aonde aprendiam a ler, escrever e fazer contas. Não eram aprofundados nas práticas religiosas.

Certa manhã, próximo do fim do curso, Mário perguntou a Giovanni a respeito do que ele iria fazer da vida. Giovanni respondeu que o padre o convidara a entrar no seminário de certa ordem religiosa e se tornar padre e ele achava isso bom negócio. Mário, que até então não era afeito à oração, disse que rezaria para que ele fosse um bom padre.



Giovanni foi para o seminário e Mário era visto, toda hora, rezando seu terço pelo amigo. Mas não ficou nisso. Foi ao convento da Ordem e pediu seu ingresso como irmão leigo a fim de exercer as funções menores, como limpar, varrer e cozinhar.

Quando Giovanni se tornou padre, fez uma pregação maravilhosa que produziu muitas conversões. Ao encerrar o sermão e descer do púlpito vê o irmão Mário escondido a rezar o terço. O mesmo ocorre nos sermões seguintes: pregação eficaz e oração do irmão.

Começam a chover convites para o padre Giovanni pregar. Ele começa a viajar e tendo de levar um membro da Ordem, leva o seu grande amigo, não pela sua oração, mas pela amizade.

Suas pregações fazem prodígios e sempre escondido o irmão Mário está rezando por elas

Padre Giovanni é nomeado Bispo e leva o irmão como auxiliar. A sua diocese se converte, as almas deixam o pecado, a piedade é incrementada, a moralidade é vivida. Todos atribuem isso aos sermões de Dom Giovanni, que é agora tido como o maior dos sermonistas e é convidado a ir à Roma e pregar para o Papa e os Cardeais.

Antes de executar a viagem, ele faz um sermão que, surpreendentemente, é mal sucedido. Ao terminá-lo, o Bispo desce do púlpito e não vê o irmão Mário. Pergunta por ele e recebe a notícia que ele morrera. Vai ao quarto do irmão e descobre o universo dele: dormia no chão para sacrificar-se, usava silício, rezava sem cessar.



Enterrado o irmão, Dom Giovanni parte para Roma à espera do sucesso. Mas qual! Uma série de fracassos o aguarda. Seus sermões são tidos como enfadonhos, com muita retórica, mas pouca unção. Chegaram a dizer que como ele, haviam pregadores aos montes. Ele volta à sua Diocese e os fracassos continuam, até que um dia desmaia durante um sermão.

Pede renúncia da Diocese e volta a viver como religioso, no convento de origem, aonde passa dias rezando o seu terço (o que antes não fazia) em torno do túmulo do irmão Mário. Indagado se rezava para voltar a fazer sermões maravilhosos, ele dizia que não, que rezava para ser santo como fora seu grande amigo.

